



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

GALVANI, Raquel Pompermayer. Os instintos e a sociedade. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, Vol.16, 2015. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos-cientificos/>
Acesso em: ____/____/____.

OS INSTINTOS E A SOCIEDADE

Raquel Pompermayer Galvani

RESUMO

O presente artigo tem a intenção de trazer o conceito de instinto e demonstrar como, na vida em sociedade estes são constantemente reprimidos. Elabora essa situação no processo de concepção, gravidez e nascimento das pessoas.

Palavras-chave: Instintos. Navarro. Reich. Sociedade.

Este artigo vem na ânsia de expressar um fato com o qual nos deparamos todos os dias: o constante tolhimento dos instintos humanos. É muito claro perceber que viramos perfeitas máquinas que trabalham em prol de alguma instância maior. Começando do pequeno, nas empresas que trabalhamos, temos regras, missões, posições a serem seguidas e tomadas, e convenhamos, que são poucas (se é que existem) as empresas que nos permitem a mudança de paradigmas, o novo, o não premeditado. E é o que acontece com todos, mesmo os que não pertencem a uma corporação, somos sempre levados a fazer o que os “dirigentes” do dinheiro querem que façamos. E fazem isso de forma muito suave, seja pelas músicas e programas de TV vindos da Indústria Cultura, pelas comidas cheias de agrotóxico ou pelo tipo de roupa que querem que seja usado. É claro que o princípio “deles” é partir do trivial, mas um trivial que acaba por atingir a nossa essência. Ficamos bitolados, sem noção do que realmente gostamos.

Um fato que acontece constantemente: chegamos ao ponto no qual decoramos uma música de funk, por exemplo, sem nem gostar de funk, sem nem procurar por isso, a música fica tanto “no ar”, é tocada em tantos lugares que somos obrigados a ouvi-la e sem querer acabamos decorando-a. A imposição de valores acaba sendo tão grande, que somos afastados do nosso eu, não somos ensinados a ouvir o próprio corpo, a própria vontade, estamos apenas fazendo o que todo mundo faz, seguindo uma regra universal.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

GALVANI, Raquel Pompermayer. Os instintos e a sociedade. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, Vol.16, 2015. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos-cientificos/>
Acesso em: ____/____/____.

Cabe neste momento fazer uma definição de instinto:

Em sua análise do instinto, Freud postulou que todo instinto tem uma fonte, um objetivo e um objeto. Esta é uma análise de uma ação instintiva, enquanto manifestada na psique. Sem entrarmos em maiores detalhes a respeito da natureza do instinto, podemos descrevê-lo como sendo um ato impulsivo que não foi modificado pela aprendizagem nem pela experiência. Poucas são as ações deste tipo, que persistem ainda na vida adulta. (Lowen, 1977, p. 47)

Porque será que é tão difícil acabar com esse ciclo vicioso? Parto do princípio que isso está presente nas nossas vidas desde o momento de nossa concepção. Em um momento não tão distante da nossa história a religião e o casamento eram fatores imprescindíveis a qualquer pessoa, como sabemos, os princípios da igreja católica viam o sexo como um monstro de sete cabeças que deveria ser executado apenas com fins de reprodução, o prazer era algo estritamente proibido. Podemos pensar que a concepção das pessoas nesse momento da nossa história não fora lá muito boa, fora permeada principalmente com essa idéia do não prazer, da simples reprodução, o que naturalmente no ser humano não é um ideal, o sexo existe sim por fins de reprodução, mas também por aspectos que envolvem, amor, carinho, afeto e a conexão sincera de duas pessoas. Reich nos diz:

Para o individuo saudável, o único motivo de seus atos sexuais é sua natural necessidade de amar, e o único objetivo, sua satisfação. O asceta, o individuo acometido pela peste, por outro lado, usa códigos éticos para justificar sua debilidade sexual. Essa justificativa nada tem a ver com a maneira como ele vive, que já estava presente antes da haver a justificativa. (Reich, 1998, p. 463)

Depois da concepção, vamos ao momento da gravidez, este momento é sempre permeado de conselhos, médicos, dos piores livros de ajuda à mãe desesperada que não sabe como lidar com sua própria gravidez, ou melhor dizendo, a mãe que fora induzida a acreditar que não sabe nada. Vale a pena dizer que o momento da gravidez é tão importante quanto o nascimento e o pós-natal, nesses nove meses o bebê, se não tiver uma mãe saudável e conectada, pode gerar vários distúrbios tanto biopáticos quanto emocionais, por exemplo, bebê não pode de maneira alguma passar por medo nesta fase, segundo Navarro (1996), pois se isso acontecer, sua reação vai ser de se fechar perdendo assim o contato com a mãe, isso levará a uma dinâmica de baixa carga energética que permite que núcleo psicótico se instale prejudicando assim a saúde psíquica do bebê.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

GALVANI, Raquel Pompermayer. Os instintos e a sociedade. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, Vol.16, 2015. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos-cientificos/>
Acesso em: ____/____/____.

É neste ponto que chegamos ao momento crítico! O nascimento. O momento tão esperado pela mãe e pelo bebê. Esse momento que deveria ser um processo íntimo entre mãe, bebê e pai, naturalmente deveria acontecer num lugar aconchegante, onde os cheiros, sons e energia deveriam ser conhecidos e confortantes, acaba por ocorrer numa sala de hospital, esterilizada, branca e fria. E é claro que o horário da cesariana deve ser marcado com um mês de antecedência, para que o bebê não cause desconforto nem para a mãe e muito menos para o médico que tem tantas outras cesarianas a fazer. Neste tipo de nascimento vemos o maior tolhimento possível dos instintos. A mãe não tem absolutamente papel nenhum no nascimento do filho, o médico faz tudo, anestesia, corta, tira e fecha. E depois disso ainda o filho é levado para longe da mãe, para ser medido, pesado e mais as infinitas coisas que realmente não são necessárias naquele momento, como diria Huberto Gessinger do grupo Engenheiros do Hawaii: “Nascer pode ser uma passagem violenta...”. E realmente é quando não estamos falando do nascimento natural e tranqüilo onde mãe e bebê estão realmente conectados.

Passada mais uma fase de estranhos acontecimentos, o bebezinho vai para casa. Aí começam as infinitas visitas dos tios, avós, primos e dos muitos outros que nem parentesco com a família têm. Se parasse por aí, tudo bem, mas junto dessas visitas o que mais aparece são os conselhos. As mães mais “experientes” tomam a liberdade de dizer o que a “mãe de primeira viagem” deve fazer com o filho e fazem questão de ficar por perto caso esta necessite de ajuda. Isso é um absurdo tendo em vista todas as falas de Navarro (1996) de que durante pelo menos dez dias, o considerado tempo ainda intra uterino pela imaturidade do bebê de lidar com o “novo mundo”, o bebê deve ter contato apenas com os pais e que deve ficar num ambiente tranqüilo, o que na maioria das vezes não acontece.

Comparando o mesmo processo entre os humanos e os animais selvagens, que não precisam ser tão selvagens assim, podemos pegar nossos cachorros como exemplo, percebemos uma diferença exorbitante. Os animais são puro instinto, não vivem repressões sociais como os humanos. A fêmea, quando prenha (mesmo sendo a primeira vez), sabe exatamente o que tem que fazer em todos os âmbitos e isso fica muito claro no momento do parto, ela escolhe o melhor lugar para ter os filhos, de



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

GALVANI, Raquel Pompermayer. Os instintos e a sociedade. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, Vol.16, 2015. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos-cientificos/>
Acesso em: ____/____/____.

preferência longe de todos os humanos que possam chegar perto para “ajudar”. Depois que os filhinhos nascem, todos na sua hora, sem remédio nem anestesia, a mãe não sai de perto deles por no mínimo dez dias, não hesita em mudar eles de lugares se ela sente que aquele não está bom. A fêmea nesse momento é simplesmente ela mesma, sente seus instintos e os reconhece como o melhor a fazer pela sua cria.

Enfim, o que quero dizer é que para os animais, e neste momento incluo também os humanos nesta categoria, não é necessária nenhuma orientação nesse processo, naturalmente sabemos o que fazer, sentimos o nosso instinto, somos sábios por natureza, sabemos o momento em que podemos “sair de perto” da cria, sabemos quem devemos deixar chegar perto, sabemos o momento de dar leite, enfim. Somos levados a acreditar, por nossa criação em sociedade, que sozinhos não conseguimos passar por esse processo tão lindo que é o nascimento, porém somos totalmente capazes e responsáveis para ministrar esse processo, não nego aqui a tranquilidade que alguém mais experiente pode passar para uma “mãe de primeira viagem”, porém esse alguém experiente necessariamente deve entender a respeito de tudo que foi falado aqui, alguém que respeita a natureza do processo, pode ser alguém que dá conselhos, mas se esses conselhos vão contra os instintos da mãe, esses não vão ser empurrados a ela à força, ou “à experiência”. Reich nos diz:

Temos constado que fatos de natureza fundamental, isto é, fatos que, acima e além do rebuliço político do dia-a-dia, referem-se à pré-história da espécie humana, à constituição biológica do homem, costumam ser rejeitados com argumentos diversos. (Reich, 2001, p. 299)

Este foi o tema pelo qual Wilhelm Reich lutou sua vida inteira, a livre expressão do homem em sua magnitude, definiu para nós o caráter genital, aquele que consegue viver em plenitude colocando em todas as suas ações e reações seu “eu” mais sincero, é aquele que consegue chegar num êxtase, sem impedimentos nem bloqueios. Ele também tentou avisar a sociedade, por meio de seus livros, que o homem estava cada vez mais sendo tolhido em sua essência pelos valores impostos pela sociedade, porém, foi muito pouco ouvido. Sua frustração quanto essa não escuta está claramente explicitada em seu livro “Escute Zé Ninguém” (2007) no qual ele demonstra como os seres humanos são passíveis de serem manipulados sem nem perceberem. Cita neste livro os vários sábios que tentaram falar com a sociedade a respeito dessa



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

GALVANI, Raquel Pompermayer. Os instintos e a sociedade. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, Vol.16, 2015. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos-cientificos/>
Acesso em: ____/____/____.

manipulação: Giordano Bruno, Jesus, Galileu, Goethe, Marx, porém chega a conclusão que os “zês ninguém” não foram capazes de entender, preferiram ficar com a ideologia vigente, dominadora e ditadora.

A respeito do medo imposto pela sociedade em nós, tema profundamente analisado em seu livro “Psicologia de Massas do Fascismo” (2001), ele discorre apresentando o problema, porém demonstrando que isso pode ter uma saída:

Esse medo encontra-se profundamente enraizado na constituição biológica do homem contemporâneo. Mas esta constituição não é inata no homem, como acredita o fascismo típico: ela resulta da evolução histórica e, por isso, é suscetível de ser modificada fundamentalmente. (Reich, 2001, p. 314)

Pensando numa resolução para o problema exposto aqui, podemos dizer que se criarmos uma melhor auto-percepção a respeito de nós mesmos, nossa consciência como um todo aumentará: “A consciência é uma função de auto-percepção em geral, e vice-versa. Se a auto-percepção é completa, a consciência também é clara e completa” (Reich, 1998, p.405). Se essa auto-percepção aumentar com certeza nos tornaremos pessoas com caracteres mais maduros e saudáveis segundo Reich: “(...) a falta de contato psíquico constitui o resíduo impalpável da couraça.” (Reich, 1998, p.290)

Portanto, friso a necessidade de criar consciência a respeito desses processos de controle que sofremos diariamente. Se essa consciência existir, com certeza seremos mais saudáveis e capazes de respeitar nossos próprios sentimentos sem que sejamos invadidos por idéias que não nos pertencem. Assim poderemos nos sentir mais tranquilos ao perceber que estamos realmente expressando o que somos em nosso âmago, se isso acontecer a sociedade naturalmente mudará, as pessoas serão mais sinceras, as idéias menos intrusivas e, como um todo, a ideologia vigente mudará, para uma esfera muito melhor e mais saudável.

REFERÊNCIAS

- LOWEN, Alexander. **O Corpo em terapia**: a abordagem bioenergética. São Paulo. Summus. 1977
- NAVARRO, Federico. **Somatopsicopatologia**. São Paulo. Summus Editorial. 1996.
- REICH, Wilhelm. **Escute Zé-Ninguém**. São Paulo. Martins Fontes. 2007.
- REICH, Wilhelm. **Psicologia de Massas do Fascismo**. Martins Fontes. 2001.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

GALVANI, Raquel Pompermayer. Os instintos e a sociedade. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, Vol.16, 2015. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos-cientificos/>
Acesso em: ____/____/____.

REICH, Wilhelm. **Análise do Caráter**. Martins Fontes. 1998.

Raquel Pompermayer Galvani/SP - é aluna da Faculdade de Psicologia da PUC–Campinas e cursa a Especialização de Psicologia Corporal no Centro Reichiano de Curitiba.

E-mail: raquelpgalvani@yahoo.com.br